

Maria Firmina dos Reis e as vozes de negros subalternizados

Maria Firmina dos Reis and the voices of subalternized blacks

Jaqueline Torquatro de Oliveira (Mestranda – UFES); **Jovani Dala Bernardina** (Mestranda – UFES) e **Marcelo Mattos Gandini** (Doutorando – UFES/IFES)

RESUMO

Maria Firmina dos Reis foi uma mulher brasileira, negra e visionária, em pleno século XIX, quando o Brasil era submetido ao sistema escravocrata. Foi professora, escritora romancista, fundadora da primeira escola mista e pública do Brasil, compositora e tinha uma postura antirracista. Deu voz, ancestralidade e humanidade as negras e negros subalternizados ao colocá-los com protagonistas de seus romances e trazer detalhes de suas vidas antes de serem submetidos à escravidão. Foi a primeira escritora a abordar o tema da maternidade negra e apesar de conquistar um certo prestígio na sociedade de sua contemporaneidade, sofreu um processo de apagamento e seus textos caíram no esquecimento por mais de um século e somente voltaram a circular após um de seus livros ser descoberto em um sebo do Rio de Janeiro em 1962. Os textos de sua autoria se alinham com tantos outros que abordam a temática do racismo estrutural e do feminismo negro, como Patrícia Collins, Sueli Carneiro e Carolina de Jesus.

Palavras-chave: feminismo negro, literatura, pioneirismo feminino.

ABSTRACT

Maria Firmina dos Reis was a visionary black Brazilian woman in the 19th century, when Brazil was subjected to the slave system. She was a teacher, novelist, founder of the first mixed public school in Brazil, composer and had an anti-racist stance. She gave voice, ancestry and humanity to subaltern black women and men by placing them as protagonists in her novels and bringing details of their lives before being subjected to slavery. She was the first writer to address the theme of black motherhood and despite gaining a certain prestige in contemporary society, she suffered a process of erasure and her texts fell into oblivion for more than a century and only returned to circulation after one of her books was discovered in a second-hand bookstore in Rio de Janeiro in 1962. Her texts are in line with many others who address the theme of structural racism and black feminism, such as Patrícia Collins, Sueli Carneiro and Carolina de Jesus.

Keywords: *black feminism, literature, female pioneering.*

Introdução

Maria Firmina dos Reis (figura 1), nortista da cidade de São Luís do Maranhão, mas radicada na cidade de Guimarães, no mesmo estado, cresceu em uma família com núcleo matriarcal. Cercada por mulheres: avó, mãe, irmã, prima e tia, teve várias referências femininas como alicerce no desenvolvimento de sua identidade. Maria Firmina, negra, pobre, bastarda, nascida na época em que vigorava o sistema escravocrata no Brasil, cresceu e tornou-se professora, escritora, romancista, compositora, e acima de tudo, antirracista.



Figura 1 - Ilustração em alusão a Maria Firmina do Reis.

Fonte: <https://www.mulheresdeluta.com.br/maria-firmina-dos-reis-e-a-literatura-do-testemunho>

Maria foi pioneira em diversas funções importantes, principalmente se julgarmos a posição que uma mulher, negra, pobre e periférica, normalmente ocuparia no século XIX. Firmina viveu todo o período de Império no Brasil, nasceu em 11 de março de 1822 e morreu em 11 de novembro de 1917. Vivenciou diversos fatos históricos, como a Proclamação da República, a Guerra do Paraguai e a Primeira

Guerra Mundial, mas provavelmente o que mais a desolou foi a escravidão. Apesar da educação freirática que recebeu, como ela mesma fala em um de seus livros, Firmina conseguiu destaque na literatura brasileira, ao ser a primeira mulher a escrever um romance, *Úrsula* (1859). O legado de Firmina vai além; foi a primeira mulher a ser aprovada em concurso público em sua cidade, e foi a fundadora da primeira escola mista, e pública, do Brasil, isso em 1880. Harvey (2018) destaca que:

“Firmina compreendeu o potencial transformador da educação em uma sociedade profundamente marcada pela exclusão racial e de gênero. Seu trabalho como professora, assim como sua escrita, deve ser visto como parte de uma estratégia mais ampla de resistência à escravidão e às estruturas patriarcais e racistas de seu tempo” (Harvey, 2018, p. 89).

Ao fundar uma escola inclusiva, Firmina questionou a lógica elitista da educação brasileira e propôs uma alternativa que, de certa forma, antecipou as discussões contemporâneas sobre a democratização do ensino. A abertura da escola incomodou a sociedade patriarcal e machista da época, e Maria foi obrigada a fechar a escola dois anos e meio depois.

Como escritora, Maria Firmina nos brindou com diversas obras que demonstram o seu lado antirracista. Os mais emblemáticos são *Úrsula* (1859), como já mencionei, *A escrava* (1887) e o *Hino da libertação dos escravos* (1888), no ano da abolição da escravatura, onde Maria deu voz e visibilidade aos negros escravizados, e denunciou as mazelas e crueldades do sistema escravocrata. Os trechos que evidenciam a opressão aplicada aos negros por brancos aristocratas e senhores de engenhos denotam que os escravizados reconheciam a sua condição de cárcere, mas não a aceitavam como algo que pudesse ser normalizado. Essa consciência e autodefinição que acontece em todos os personagens negros, como Túlio e Susana, no romance *Úrsula*.

— A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor – continuou
– não me chameis amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância

que nos separa? Ah! O escravo é tão infeliz!... Tão mesquinha e rasteira é a sua sorte [...] Costumados como estamos ao rigoroso desprezo dos brancos, quanto nos será doce vos encontrarmos no meio das nossas dores! Se todos eles, meu senhor, se assemelhassem a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão (Reis, 2018, p. 22).

O trecho transcrito acima é um pedaço de um diálogo entre Túlio e Tancredo, personagem branco, filho de escravocrata. Através da voz do personagem negro, Maria Firmina evidencia o abismo social entre brancos e negros, no período escravocrata do Brasil, e escancara o racismo estrutural existente desde o período colonial. Em outro trecho, Maria continua sua denúncia contra a escravidão, e contra o tráfico negreiro, expondo as atrocidades cometidas pelos países colonizadores, que resultou em um dos maiores genocídios da história.

Firmina, ao dar protagonismo aos negros escravizados, não apenas questiona a escravidão, mas também desafia o próprio cânone literário que contribuía para a naturalização dessa prática. De acordo com Fanon, “o colonialismo e o racismo funcionam, em parte, pela negação da subjetividade dos oprimidos, os retratando como meros objetos da história, sem agência ou voz própria” (1961, p. 45). A obra de Firmina, nesse sentido, pode ser lida como um movimento contra colonial, ao devolver aos subalternizados a capacidade de ser, agir e falar em suas próprias palavras.

Os textos de Maria Firmina são potentes. A autora, que foi uma escritora de estilo romântico, gótico, com histórias recheadas de tragédias, crimes, mortes, paixão; estilo muito comum no século XIX, não escondeu seu posicionamento contra o sistema escravocrata para se inserir no *hall* literário, ao contrário, aproveitou o espaço conquistado para dar voz aos povos silenciados. Negros e indígenas, tratados como mercadoria de pouco valor, selvagens, bárbaros, ganhavam notoriedade em seus textos e contavam, eles próprios, as mazelas que estavam enfrentando.

Porque ao africano seu semelhante disse: — És meu! – Ele curvou a fronte, e humilde, rastejando qual erva, que se calcou aos pés, o vai

seguindo? Porque o que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam “escravidão”?!... E, entretanto, este também era livre, livre como o pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe, e sente como eles, que é livre; porque a razão lho diz, e a alma o compreende. Oh! A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! (Reis, 2018, p. 28).

A transcrição acima, do livro escrito em 1859, carrega consigo um comunicado: “A mente não pode ser escravizada”. Ao ler esse trecho, me veio à memória o texto de Patrícia Collins (2019), “imóvel por fora, mas e por dentro?” Maria era uma visionária, que sabia a que povo pertencia e o que deveria propagar. Ao dizer que a mente ninguém pode escravizar, Firmina mostrava que a população negra escravizada não iria se curvar em relação às atrocidades contra ela cometida sem luta e resistência.

Além de se posicionar de forma antirracista em pleno período escravocrata do Brasil, Firmina inclui o debate sobre a maternidade negra em seus textos, que até então não era recorrente em outras obras literárias. Susana, a escravizada de Úrsula, e Joana, personagem do conto “A escrava” (1887) (figura 2), foram mães separadas de seus filhos, em situações diferentes, mas em decorrência da escravidão. A primeira foi separada de sua filha, ainda em seu local de origem, no continente africano; a segunda, já escravizada, teve seus dois filhos menores, gêmeos, arrancados de seus braços e vendidos ao tráfico negreiro. As duas foram impedidas de maternas. Com a objetificação da mulher negra, através da servidão ou da hipersexualização, o papel materno foi arraigado de suas funções.



Figura 2 - Recorte da capa do livro A Escrava.

Fonte: <https://www.amazon.com.br/Escrava-Maria-Firmina-dos-Reis-ebook/dp/B08J2L3CCW>

Susana não conseguiu cuidar de sua filha, da qual fora separada ainda em seu país de origem, no continente africano. Já em seu cativeiro, adotou para si a função de maternar Túlio, separado de sua mãe em consequência da escravidão. É com ele que Susana tem uma franca conversa sobre liberdade, como mostra o trecho abaixo:

— Tu! Tu livre? Ah, não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. — Meu filho, tu és já livre?...

— Iludi-la! – respondeu ele, rindo-se de felicidade – E para quê? Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo, sou hoje livre, livre como o pássaro, como as águas; livre como o éreis na vossa pátria.

Estas últimas palavras despertaram no coração da velha escrava uma recordação dolorosa [...]

Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos

lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (Reis, 2018, p.69-70).

O fim da liberdade de Susana foi também o fim da relação materna com sua mãe e com sua filha. Susana foi obrigada a migrar, traficada para outro continente, onde fora forçada a trabalhar, tivera seu corpo objetificado, sendo que por fora estava imóvel e rendida, mas, por dentro, se movimentava.

Joana, no conto *A escrava* (1887) teve três filhos, que diante de sua impotência contra o sistema, não pode criar em segurança. Seu filho mais velho fora escravizado e seus filhos gêmeos vendidos como mercadoria para o tráfico, como mostra o trecho abaixo. Joana ficou doente, fugiu de seu cativeiro em busca de suas crianças, até padecer sem conseguir recuperá-los.

[...] não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos! Meu senhor, os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos, Calos, Urbano... [...] não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... meus pobres filhos!... Aqueles que me arrancaram destes braços... Este que também é escravo! E os soluços da mãe confundiram-se por muito tempo com os soluços do filho (Reis, 2018, p. 171).

A maternidade negra foi um assunto abordado diversas vezes por Maria, seja em seu romance *Úrsula* (figura 3), no conto “*A escrava*” ou em seus poemas feitos em homenagem à sua mãe.



Figura 3 - Recorte da capa do livro Úrsula. Fonte: <https://loja.uiclap.com/titulo/ua24949/>

Maria deu visibilidade a um tema que não era comum nos textos da época em que a autora escrevera. Maria Firmina dos Reis cresceu em um lar matriarcal, e pelo teor de seus poemas para sua mãe, teve um apoio maternal que foi crucial para o seu desenvolvimento. Maria Firmina, em dedicatória para sua mãe que falecera, escreve:

Minha Mãe! – as minhas poesias são tuas.

Sim, minha mãe... que glória poderá resultar-me das minhas poesias, que não vá refletir sobre as tuas cinzas!?!...

É a ti que devo o cultivo de minha fraca inteligência; – a ti, que despertaste em meu peito o amor à literatura; – e que um dia me disseste:

Canta!

Eis pois, minha mãe, o fruto dos teus desvelos para comigo; – eis as minhas poesias: – acolhe-as, abençoa-as do fundo do teu sepulcro.

E ainda uma lágrima de saudade, – um gemido do coração...

(REIS, 2018, p. 179-180).

Para Collins, “a relação mãe/filha é fundamental entre as mulheres negras. Inúmeras mães negras empoderaram suas filhas ao transmitir o conhecimento do dia a dia, essencial para a sobrevivência das mulheres afro-americanas” (JOSEPH, 1981; COLLINS, 1987 *apud* COLLINS, 2019, p.8). Collins destaca diversas mulheres que atribuíram ao convívio com suas mães a confiança que possuíam em si mesmas. Maria Firmina dos Reis sabia da importância da mulher negra na criação de seus filhos e filhas. Maria não teve filhos biológicos, talvez até por compreender que não seria seguro colocar filhos no mundo, num lugar que não respeitava os direitos básicos de uma pessoa negra, mas foi mãe. Criou dez crianças, teve dez filhos adotivos. Sabia da importância da relação entre mãe e filha na formação de uma mulher negra, e sabia a importância de abordar o assunto em seus textos.

Para Carneiro:

"Maria Firmina dos Reis foi uma das primeiras vozes a desafiar o patriarcado colonial, ao mostrar como a opressão de raça e gênero se entrelaça para silenciar e explorar as mulheres negras, em especial as mães, cujas funções foram reduzidas ao papel de reprodutoras da mão de obra escravizada" (Carneiro, 2003, p. 101).

Em *Úrsula*, a maternidade de Susana é retratada com grande sensibilidade, destacando a dor da separação forçada de seus filhos e a violência física e psicológica a que foi submetida. Firmina assim denuncia o impacto devastador da escravidão sobre as relações familiares e, especialmente, sobre as mulheres negras.

A literatura de Maria Firmina dos Reis foge da inclinação eurocentrista ao dar protagonismo, voz e ancestralidade aos personagens negros e indígenas de suas histórias. As histórias narradas tanto em *Úrsula* (1859), quanto em *A escrava* (1887) e até mesmo em *Gupeva* (1861), figura 4, legitimam a necessidade do feminismo negro, estudado por autoras como Sueli Carneiro e Patrícia Collins. Os textos de Maria Firmina elucidam a necessidade de extirpar a supremacia branca do feminismo.



Figura 4 - Recorte da capa do livro Gupeva. Fonte: <https://www.amazon.com.br/Gupeva-Maria-Firmina-dos-Reis-ebook/dp/B09B69QXCS>

Enquanto mulheres brancas lutavam pelos direitos políticos, pela educação, direito ao divórcio, acesso ao trabalho, e eram apresentadas como fragilizadas; mulheres negras tiveram que lutar para não serem objetificadas, para não serem escravizadas, mortas, sexualizadas, segregadas, tiveram que incluir as pautas do movimento negro no feminismo, tiveram que lutar pela segurança de seus filhos e maridos, tiveram, e ainda tem, que lutar contra o racismo.

Os textos de Maria Firmina dos Reis ainda são atuais, mesmo após mais de um século de sua morte. A escravidão, em tese, foi abolida, mas as consequências de 300 anos de sistema escravocrata no Brasil ainda hoje perduram. A população negra ainda é morta pelos senhores brancos; é a que mais sofre com pobreza extrema, é a que mais morre nas mãos da polícia, é que mais tem dificuldade em acessar uma boa educação. São as mães negras que ainda tem dificuldade em criar seus filhos, são as mulheres negras que ainda são objetificadas e sexualizadas; que criam os filhos e filhas de mulheres brancas, para que essas possam exercer seus direitos, conquistados pelos movimentos feministas. Assim como Susana, assim como Joana,

mulheres negras veem diariamente seus filhos sendo levados pelas mãos do tráfico, pelas mãos do capataz.



Figura 5 - Recorte de matéria produzida pela CNN, sobre a porcentagem de mortes entre negros. Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-representam-78-das-pessoas-mortas-por-armas-de-fogo-no-brasil/>

Apesar de sua importância, Maria Firmina dos Reis foi sistematicamente excluída da historiografia literária até sua redescoberta no século XX. Isso evidencia um processo mais amplo de apagamento das contribuições das mulheres negras na história brasileira. A obra de Firmina permaneceu invisibilizada por mais de um século, até ser redescoberta em 1962, quando um exemplar de *Úrsula* foi encontrado em um sebo no Rio de Janeiro. Esse esquecimento intencional reflete as dinâmicas de exclusão e subalternização que afetam a trajetória das mulheres negras no Brasil.

Para Spivak, "o subalterno não pode falar enquanto sua voz continuar a ser mediada por estruturas de poder que a distorcem ou a apagam" (1988, p. 78, tradução

nossa)¹. Nesse sentido, o silenciamento de Maria Firmina dos Reis e sua obra não é apenas uma questão de negligência histórica, mas uma manifestação do racismo estrutural que continua a marcar as relações sociais e culturais no Brasil.

Sueli Carneiro (2005) reforça essa perspectiva ao afirmar:

O apagamento das mulheres negras e de suas contribuições ao longo da história brasileira não é fruto de um acaso, mas sim de um projeto deliberado de negação de suas vozes. Esse silenciamento faz parte de um racismo institucional que busca manter o controle sobre os corpos e as narrativas, relegando essas mulheres a uma posição de invisibilidade, tanto social quanto política e histórica" (Carneiro, 2005, p. 42).

Carneiro argumenta que a exclusão de figuras como Maria Firmina dos Reis está atrelada ao racismo e sexismo que permeiam as instituições culturais e educacionais, perpetuando um ciclo de opressão intelectual que marginaliza a produção de mulheres negras. A redescoberta de sua obra no século XX permitiu que suas contribuições fossem finalmente reconhecidas, especialmente no contexto dos movimentos feministas e negros. Hoje, seus textos se aliam aos de outras escritoras tão importantes quanto ela, como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Patrícia Collins, Sueli Carneiro, Elisa Lucinda, que juntas, dão vozes às mulheres e homens subalternizados.

A obra de Maria Firmina dos Reis, especialmente o romance *Úrsula* (1859), é um marco na literatura brasileira ao subverter as representações estereotipadas e desumanizantes dos negros e negras que dominavam o cenário literário no século XIX. Até então, a maioria dos autores apresentava personagens negras de forma submissa, passiva ou até invisível, contribuindo para a naturalização de sua condição subalternizada. Firmina, no entanto, rompe com essa tradição ao construir uma narrativa que concede aos personagens negros uma complexidade raramente vista na época. Segundo Duarte (2020):

¹ "the subaltern cannot speak as long as their voice continues to be mediated by structures of power that distort or erase it" (Spivak, 1988, p.78)

“a obra de Maria Firmina dos Reis, especialmente *Úrsula*, rompe com a representação passiva dos negros e negras que, até então, dominava a literatura brasileira. Firmina constrói suas personagens a partir de uma perspectiva que valoriza sua subjetividade, suas dores e suas resistências, algo revolucionário para o contexto de sua época” (p. 54).

Ao atribuir subjetividade às suas personagens negras, Firmina rejeita a visão de que os escravizados eram meramente objetos de exploração, relegados ao papel de trabalhadores sem história ou identidade própria. Em vez disso, ela retrata indivíduos que possuem emoções complexas, laços familiares profundos e, sobretudo, uma memória viva de sua vida anterior à escravidão. Esse resgate da subjetividade é uma ferramenta política na obra de Firmina, que desafia não apenas a estrutura social da escravidão, mas também o cânone literário que sustentava essas desigualdades.

Esse rompimento com a passividade atribuída aos personagens negros na literatura brasileira pode ser entendido à luz de uma reflexão crítica sobre a literatura e a cultura de resistência. A representação ativa e complexa de personagens negros como Túlio e Susana em *Úrsula* posiciona Firmina como uma precursora na articulação de uma nova poética de resistência. Como argumenta Duarte (2020), essa perspectiva foi "revolucionária" no contexto da época, pois trouxe à tona as "dores e resistências" desses indivíduos, conferindo-lhes não apenas voz, mas também protagonismo. Firmina, portanto, inaugura um espaço de contestação dentro do próprio campo literário, que até então havia sido conivente com a estrutura de opressão racial.

Ademais, ao centrar sua narrativa nas vivências e resistências das personagens negras, Firmina se afasta das narrativas abolicionistas tradicionais, que muitas vezes colocavam o branco como o "libertador" do negro. Em vez de depender da benevolência dos brancos, seus personagens negros são dotados de agência própria. Túlio, por exemplo, não é apenas um escravo que sofre, mas um sujeito que, mesmo dentro dos limites da escravidão, mantém a memória de sua liberdade

anterior, e cujo desejo de resistência não é mediado pelo senhor, mas parte de sua própria vontade. Essa dinâmica é central para a obra de Firmina, pois ela não apenas narra a violência da escravidão, mas também a dignidade e humanidade dos subalternizados, invertendo a lógica de dependência que permeava grande parte da produção literária da época.

Firmina antecipa, portanto, debates contemporâneos sobre a importância de reconhecer a subjetividade dos grupos marginalizados. Ao valorizar a dor e a resistência dos negros, *Úrsula* cria uma contranarrativa que se opõe ao discurso desumanizador da escravidão. Essa visão é retomada por críticos como Duarte (2020), que destacam como o resgate da subjetividade dos subalternos, operado por Firmina, representa uma forma de resistência cultural e política contra o sistema colonial.

Considerações Finais

Consideramos que Maria Firmina dos Reis em seu romance "*Úrsula*" abordou a complexa vida dos negros escravizados retirando-os da escuridão das senzalas e lhes proporcionado o protagonismo, atualmente na realidade contemporânea das periferias brasileiras as narrativas que emergem das periferias urbanas no Brasil de hoje refletem histórias de opressão racial, desigualdade social e exclusão, mas também de luta e resistência.

Subvertendo a imagem do negro submisso de sua época no momento que articula a dor da escravidão e o resgate da memória da liberdade anterior como observamos nas palavras de seu personagem Túlio, na atualidade essa articulação de uma voz subalterna pode ser comparada à produção cultural contemporânea das periferias, onde o rap, o funk, a literatura marginal e outros movimentos culturais são formas de expressão de sujeitos historicamente silenciados. As obras de autores e artistas das periferias brasileiras, como Ferréz, Conceição Evaristo e Emicida, muitas vezes ecoam essa mesma busca por humanidade e reconhecimento da subjetividade de grupos que são vistos pela sociedade dominante apenas como objetos de

repressão ou exploração. O racismo estrutural, que marcou a sociedade escravocrata, ainda persiste nas periferias urbanas, onde a pobreza, a violência policial e a falta de oportunidades são problemas cotidianos enfrentados pela população negra e marginalizada. O resgate da memória, também encontra paralelo nas periferias de hoje, onde movimentos culturais como o hip hop são formas de resistir ao apagamento histórico e celebrar a ancestralidade africana. Além disso, a maternidade negra, tema abordado de maneira inovadora por Firmina, permanece uma questão central na literatura periférica contemporânea.

Portanto, as histórias de resistência, de luta contra o apagamento e de reivindicação de uma voz própria que Firmina colocou em sua literatura encontram eco na produção cultural das periferias contemporâneas, onde negros e negras continuam a lutar contra as dinâmicas de exclusão e a buscar, por meio da arte e da literatura, um espaço de visibilidade e dignidade.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à professora da disciplina de Teorias Pós(de)coloniais e epistemes outras, do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, que me apresentou à essa autora brilhante e profunda. Agradecer também a Universidade Federal do Espírito Santo, por apoiar o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação, e à CAPES por proporcionar aos estudantes bolsistas, a possibilidade de se dedicarem ao estudo e a melhora de sua formação, não só no âmbito profissional, como também no social.

Jaqueline Torquato de Oliveira

Bolsista CAPES / Mestranda em Artes no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo; Bacharel em Arquitetura (UFES); Artista Visual e Pesquisadora do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Arte (LEENA/UFES)

Id Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-3914-1911>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2601386393048834>

E-mail: jaquelinetor4@gmail.com

Jovani Dala Bernardina

Bolsista CAPES / Mestranda em Artes no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo; Bacharel em Artes Plásticas (UFES); Licenciada em Artes Visuais (UNIASSELVI); Artista Visual, Pesquisadora no: Laboratório de Extensão e Pesquisa em Arte (LEENA/UFES); Grupo Paisagem Específica (GPE/UFES) e no Processos Criativos em Gravura (PCG/UFES)

Id Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5038-5672>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1003388753252063>

E-mail: jvdalab@gmail.com

Marcelo Mattos Gandini

Doutorando em Artes no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo; Mestre em Educação (UFES); Licenciado em Artes Visuais (UFES); Professor de Artes (PEBTT) – IFES / Centro-Serrano, Artista Visual, Pesquisador no: Grupo de Pesquisa Arte Experimentação e Grupo de Pesquisas em Agricultura Familiar Sustentabilidade (ambos com sede no IFES/Centro-Serrano); Laboratório de Extensão e Pesquisa em Arte (LEENA/UFES); Grupo Paisagem Específica (GPE/UFES) e no Processos Criativos em Gravura (PCG/UFES)

Id Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-4381-6170>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0191713206053893>

E-mail: mattosmgmattos@gmail.com

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo: Pallas, 2005.

COLLINS, Patricia Hill. O poder da autodefinição. **COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019, p. 179-217.**

DUARTE, Eduardo. **Literatura abolicionista e o protagonismo negro: o caso de Maria Firmina dos Reis.** Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

HARVEY, David. **A geografia da dominação: educação e resistência no Brasil oitocentista.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras.** Edições Câmara, 2018.

SPIVAK, Gayatri. **Can the Subaltern Speak?** In: Nelson, Cary; Grossberg, Lawrence. *Marxism and the Interpretation of Culture.* London: Macmillan, 1988.